

O ENSINO E A EXTENSÃO, SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA: uma primeira leitura em processo

Rosa Maria Bernardi e grupo de pesquisa^(*)

Resumo

A observação da prática pedagógica dos professores do curso de Pedagogia levou-os a perceber a prática pedagógica extensionista como desvinculada da pesquisa e do ensino. A memória de uma prática extensionista é reveladora desse contexto no interior da Universidade.

^(*) Fazem parte do grupo de pesquisa, além da pesquisadora citada, Eliara Zevieruka Levinski, Irene Skarupski Saraiva, Loni Elisete Manica Kruger, Simone Terezinha Baroni Madeira; assessoria de Elli Benincá e secretaria de Adriana Bragagnolo e Eliana Moreira de Mello.

O projeto de pesquisa *A Prática Pedagógica em Escolas de Formação de Professores e de Periferias Urbanas*⁽¹⁾ tem produzido, informalmente, vínculos entre suas ações e as atividades extensionistas da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade de Passo Fundo (UPF), especialmente entre aquelas relacionadas ao Programa de Assessoria Técnico-Pedagógica aos municípios de sua região de abrangência, além dos vínculos com o ensino desenvolvido na licenciatura de Pedagogia. Estes vínculos são informais, não institucionalizados, porque não existe espaço acadêmico oficializado e não se percebe no desenvolvimento deste trabalho a existência de mecanismos internos que visem a explorar as relações possíveis entre as três funções universitárias. Na análise, são, portanto, vínculos circunstanciais e que foram sendo descobertos no desenrolar dos trabalhos com base no objetivo central da pesquisa, que é o de "Investigar e analisar as relações pedagógicas que se estabelecem no contexto escolar de periferia urbana e nos cursos de formação de professores de Passo Fundo, possibilitando aos professores-pesquisadores, através da Práxis Pedagógica⁽²⁾, a teorização e reorganização de sua ação docente, tendo em vista a melhoria do processo educativo".

A pesquisa, para cumprir este objetivo, desenvolve-se segundo uma metodologia que implica:

a) elaboração da *memória*, isto é, da observação, que é o registro das representações que orientam os atos dos professores no cotidiano das relações pedagógicas entre professores e alunos, dos alunos entre si, sempre mediadas pelo contexto em que ocorrem e pelo objeto de conhecimento (sejam conceitos ou comporta-

(1) O presente artigo refere-se à mesma pesquisa do artigo anterior: "A escola de periferia no olhar do professor-pesquisador" (ver nota 2 do referido texto), escrito pelo grupo formado por professores da rede municipal de ensino de Passo Fundo (equipe de suporte). No caso deste trabalho, o grupo de pesquisa é composto por professores da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo que, em 1995, passou a fazer parte daquele plantel de pesquisadores. São, portanto, dois textos complementares, desenvolvendo a mesma pesquisa, mas dirigindo seu olhar a contextos diferentes: o contexto das escolas de periferias urbanas e o contexto acadêmico do curso de Pedagogia.

(2) Na pesquisa, o conceito de *práxis pedagógica* é referenciado no "conceito de Práxis tematizado pela filosofia de tradição marxista. Pensamos que sua dimensão de 'objetivação do homem' e de 'realização da liberdade humana', projetando o homem como criador da realidade e aberto a ela e ao ser, fundamenta o nosso desejo de sentirmo-nos senhores de nossa história e respalda a busca de competência para transformar o que está reificado" (KOSIK, 1986, p. 197-207).

mentos valores-atitudes) que, em última instância, é a razão de ser dessas relações no interior da escola;

b) leituras, discussões, estudos sistemáticos que permitam conquistar, nessa busca de aprofundamento teórico, uma leitura da prática pedagógica que supere o senso comum, aproximando-se de uma compreensão cada vez mais científica. Assim sendo, o professor transforma-se no pesquisador de sua própria prática.

Uma questão aparece quando, no entanto, se analisa o objetivo da pesquisa. Nele, a atividade extensionista não é considerada. Como, então, se declara, no início destas reflexões, que a pesquisa além de estabelecer relações com o ensino, revela também vínculos com a extensão?

Veja-se: o objetivo aponta para a análise das relações pedagógicas e define dois contextos em que estas relações seriam investigadas: o contexto escolar de periferia urbana e o contexto dos cursos de formação de professores, no caso, a licenciatura de Pedagogia. Porém, no exercício da docência dentro da Universidade, as relações pedagógicas que se desenvolvem além de se darem no contexto acadêmico dos cursos, também levam, através da extensão, ao envolvimento com a formação do professor em serviço. Isso transporta as relações pedagógicas, objeto da reflexão-investigação da pesquisa a que se está referindo neste texto, para os contextos dos municípios da região de abrangência da UPF. Deste modo, a pesquisa, ao voltar-se para o contexto universitário, abriu-se para a análise de problematizações originárias também de municípios com acentuadas características rurais, confrontando-as com as problematizações típicas das periferias urbanas.

Muitos municípios com os quais se desenvolvem hoje atividades de extensão são municípios pequenos, com reduzido número de habitantes. Apenas para ilustrar, um deles tem 6040 habitantes e outro 2658, sendo 2100 na zona rural e 558 na zona urbana, conforme dados fornecidos pelos próprios municípios. Alguns destes desenvolvem uma agricultura diversificada, outros centralizam a sua produção agrícola em dois ou três produtos (soja, trigo, milho). Alguns apresentam condições financeiras equilibradas e outros estão endividados. São, enfim, municípios com características e necessidades muito diversificadas entre si e diversificadas, também, da realidade das periferias urbanas.

O confronto de contextos e de problemas específicos, decorrentes das suas características particulares, vinculado, é claro, às suas relações com a realidade nacional mais ampla, vai evidenciando, com clareza crescente, desafios à universidade; desafios dirigidos ao ensino, à extensão e à pesquisa.

Para o ensino, o desafio que se apresenta é o de formar professores capazes de atuar em qualquer contexto, com qualidade⁽³⁾, sem se perderem na diversidade de problemas que o multifacetado cotidiano escolar possa lhes apresentar. Não se trata mais de buscar na Universidade modelos e técnicas pedagógicas para serem usados na ação docente uniformemente, em qualquer situação. Em 1980 mudou-se o currículo da Licenciatura de Pedagogia, orientando-o para a formação do professor para o início da escolaridade em decorrência, em grande parte, da experiência extensionista realizada pelos professores da FAED, relacionada, então, com a educação no meio rural. Precisa-se, agora, incorporar os novos desafios, provenientes, como antes, da extensão, mas hoje também da pesquisa que a Universidade realiza.

Para a extensão, o desafio também é o de realizar trabalhos diferenciados por município; trabalhos que atendam ao contexto e à problemática de cada um. Suas propostas de trabalho não podem ser modelos invariáveis, genéricos, que se aplicam a qualquer lugar e circunstância. A prática extensionista precisa da pesquisa, para não cair num ativismo sem fundamentação e sem objetivos.

O desafio para a pesquisa, no âmbito da educação, é o de tentar, em alguma proporção, voltar suas linhas de investigação para a problemática apontada pela extensão e colaborar também na análise do processo pedagógico desenvolvido nas licenciaturas, de modo que se possam formar professores em sintonia com a contraditória e complexa dinâmica social.

Na tentativa de exemplificar as idéias apresentadas acima, reproduz-se uma das *memórias* redigidas após o segundo encontro de estudo em um dos municípios que mantém contrato de trabalho com a UPF, através do Programa de

⁽³⁾ Como *qualidade*, entende-se, aqui, ser capaz de formar alunos, intelectualmente independentes, capazes de ler e de compreender a realidade cientificamente, tecnicamente preparados e com valores éticos voltados para sentimentos de solidariedade social, dispostos a participar da construção de uma sociedade em que todos os homens possam viver com dignidade e com qualidade de vida.

Assessoria Técnico-Pedagógica aos Municípios, desenvolvido pelo Centro Regional de Educação (CRE), responsável pela extensão na FAED.

Antes, porém, de se reproduzir a *memória* referida, para entendê-la, cabem alguns esclarecimentos sobre o Programa de Assessoria Técnico-Pedagógica aos Municípios.⁽⁴⁾

O programa em questão volta-se para a formação do professor em serviço por meio de projetos de longo prazo (de dois a quatro anos de duração), firmados com os municípios. A idéia de fazer projetos de longo prazo prende-se ao princípio já testado em experiências anteriores de atividades extensionistas de que cursos breves, de curta duração, não produzem mudanças na prática pedagógica. Acredita-se que, somente quando o professor se torna sujeito de sua prática (e não mero aplicador de fórmulas pensadas por outros), será capaz de reorganizá-la, direcionando-a ao contexto específico em que atua, sendo então capaz de realizar uma educação de qualidade.

O grupo de professores participantes elaborou, inicialmente, um projeto para ser desenvolvido junto aos municípios que pretendia partir da *leitura* das características-sócio-econômico-político-culturais destes municípios feita pelos próprios professores municipais, mesmo que fosse, inicialmente, empírica. A primeira ação envolve, portanto, a contextualização e a problematização do município.

Ainda em andamento, este projeto de longo prazo mostra-se mais educativo do que ações curtas e descontínuas, no entanto, tem revelado novos desafios. A pesquisa que faz desta prática extensionista, também seu objeto de investigação, está se constituindo em espaço-tempo pedagógico para a sua análise e compreensão. Com isso, ajudará no seu possível redimensionamento e aperfeiçoamento.

Feitos estes esclarecimentos, mesmo que incompletos, pode-se passar à reprodução da já citada *memória* de um momento do processo extensionista desenvolvido pelos professores do CRE/FAED.

⁽⁴⁾ A análise histórica mais detalhada da extensão na FAED, da qual esse programa faz parte, é objeto de outro texto em elaboração no processo de pesquisa em referência.

Voltando do município...

Minha proposta para o trabalho do dia de hoje era começar a apresentar e analisar as informações sobre o contexto sócio-econômico-político-cultural do município. Informações estas que, por ocasião do encontro anterior (as primeiras 8h de trabalho), eu havia solicitado aos professores que começassem a escrever. A solicitação do trabalho foi precedida por um longo preâmbulo de perguntas minhas para orientar quais as questões básicas sobre o contexto local a serem resgatadas, seguidas de narrativas de fatos, de situações, de histórias e de experiências feitas pelos professores. Tudo isso era permeado por tentativas que eu fazia de teorizar algumas das situações expressas, sempre no sentido de encaminhar a realização da tarefa. Inicialmente esse registro deveria ser realizado sem um processo formal de busca, de pesquisa, mas aproveitando o que cada um sabia do seu contexto.⁽⁵⁾

Ninguém havia feito qualquer registro. Para minha surpresa, não haviam entendido que eu tivesse feito esta solicitação. De fato, não entenderam! Ninguém buscou desculpas ou explicações para o fato de não ter escrito. Ficaram pasmos com a situação. E eu, desconcertada (O que terei feito que ninguém entendeu nada?).

Retomei o trabalho anterior e optei por organizar grupos para que discutissem entre si e registrassem o que sabiam da vida do seu município e, mais particularmente, das suas comunidades. De certo modo, retornei à tarefa solicitada e não entendida. Enquanto isso, fui tentando elaborar os dados para compreender o que estava acontecendo.

Durante a apresentação e discussão do que foi escrito nos grupos, foi-se desenhando um quadro do município que representa um desafio enorme e que me deixa aflita!

Vou descrever, agora, algumas situações que me pareceram significativas, extraídas da fala dos professores. Neste momento, o que escrevo não

⁽⁵⁾ Nessas comunidades pequenas, de poucos habitantes, os professores geralmente representam a geração mais nova dos colonizadores e fundadores das comunidades e têm as histórias do período muito presentes, como um acervo cultural. Quando solicitados, contam casos e casos, ouvidos de seus pais, avós,...

obedece muito a uma sequência ou organização. Estou tentando re-compor a memória!

Os professores, na sua fala, deixam entrever a percepção de que no seu município há um número pequeno de proprietários de grandes extensões de terra e que pratica a monocultura; um grupo de proprietários de pequena extensão de terra, que pratica uma agricultura de sobrevivência; e uma grande maioria que é composta de agregados, de meeiros... Sendo pequena, a cidade não oferece muitas possibilidades de trabalho no setor terciário, como alternativa àqueles que já não conseguem 'ganhar a vida' na atividade agrícola. Apesar disto, o pessoal que, no campo, mal sobrevive, desloca-se para a cidade⁽⁶⁾ em busca de trabalho e ergue seus barracos em áreas próximas ao centro. O município não conta, para seu acesso, com estradas asfaltadas o que dificulta a diversificação de sua produção que, a exemplo de outros municípios, poderia ampliar-se através da 'produção integrada' como, por exemplo, os aviários da Sadia, ou da Perdigão.

Muitas das comunidades onde estão localizadas as escolas e nas quais também vivem os professores, não têm energia elétrica, não têm, em consequência, acesso a TV ou rádio. Estão, por isso, fora do circuito das informações.

Muitas crianças não conhecem nem o centro da cidade. A falta de estradas asfaltadas, que dificulta o acesso ao município, parece continuar na carência de locomoção e transporte no seu interior. Algumas localidades têm ônibus uma ou duas vezes por semana e outras não contam com este transporte. Como disse uma professora: 'é a cavalo mesmo, professora, ontem, fiquei torcendo que hoje não chovesse por causa do curso. Da última vez, voltei embaixo d'água. Vê professora, sobre isso que estamos falando, as pessoas vêm para a cidade porque desse jeito, ao menos estão perto das coisas, senão, têm de vir para cá, a muito custo, buscar comida, fazer suas coisas, com esse problema de distância e transporte... e lá, não conseguem nem sustentar a família.'

⁽⁶⁾ A sede do município, numa primeira observação, é formada por uns oito quarteirões em que se encontram: a igreja, a praça, o prédio da prefeitura, o único restaurante, que também é o único hotel, o clube, que é o CTG local, alguns serviços básicos, como o correio, algumas casas comerciais para venda de produtos básicos, e só.

As crianças, dizem os professores (há muitos professores homens nas séries iniciais do 1º grau neste município), 'faltam muito à escola, geralmente, para ajudar na lavoura ou cuidar dos irmãos. 'Os pais não dão muita importância para a escola. Eles acham que não ajuda em nada'. Das famílias que moram no campo, a maioria é analfabeta... 'entregam os filhos pra gente educar...'

'As crianças não conhecem revistas nem jornais', diz um dos professores... os outros concordam. Conta outro professor: 'A primeira vez que a Kombi foi na minha comunidade, não pude dar aula. As crianças cercaram a Kombi, loucas de curiosidade. Muitas delas nunca entraram num carro'.

Um bom número de professores não possui magistério de 2º grau. Alguns ainda são professores leigos. Não conhecem os princípios que orientam a estrutura curricular para as séries iniciais do ensino de 1º grau, vigente desde a LDB 5692/71 e eu, querendo questionar estes princípios, para propor outros, cientificamente mais atualizados...

Reformulei tudo, na hora, mas ficou deslocado... Tentei historiar, mas notei que não há esta preocupação com a transformação-evolução do conhecimento que se dá historicamente. Parece que a minha informação não tem maior significado. Parece que não identificam qualquer importância no que estou propondo para analisar... Serão, para eles, questões importantes? De fato, o que percebo é um desencontro...

Quanto às famílias, estão 'isoladas entre si', há pouco convívio entre elas, 'não ajudam nem na celebração das cerimônias religiosas. 'Nas reuniões para eleição de diretoria da escola (APM) não aparece ninguém...' 'Ninguém quer ser eleito para nada porque não quer ajudar'.

É perceptível um desencantamento enorme com o trabalho, com a produção pelo cultivo da terra. Reclamam do empréstimo bancário que quebrou a maioria, da falta de retorno do trabalho investido. Tudo isso deve ter esmorecido o ânimo dessa gente. Há no ar, um descrédito, uma falta de vontade, porque não acreditam... é isso, parece, não acreditam num envolvimento com iniciativas que se apresentam como propostas de mudança. Deixam entrever muita indiferença, inclusive, com as coisas da educação.

Voltando a falar da escola, dizem os professores que não há nem mimeógrafo. Brinquei sobre isso: 'Como é? as coisas funcionam com a informação no caderno do professor ou no livro texto para a sua cópia no quadro e dele para o caderno do aluno?' Responderam de imediato: 'Mas é isso aí mesmo professora!' Continuaram: 'é preciso dar tudo, caderno, lápis... As crianças pensam que é obrigação dar'. Uma professora falou: 'Quebro um lápis em três e também a borracha para distribuir'.

Os professores de um dos grupos de trabalho dizem que, na sua comunidade os pais são 'brasileiros', significando aí o caboclo e por isso, na opinião que expressaram estes professores, 'são preguiçosos, não querem fazer nada, e por isso as comunidades não se desenvolvem'.

Pensando um pouco, encontrei aí, nas relações sociais que se estabelecem num município basicamente rural, as relações entre escola e trabalho de que trata SAVIANI⁽⁷⁾. O desencontro da população com a escola pode passar pela incapacidade da escola de ser útil àqueles que vivem ou sobrevivem miseravelmente, pela incapacidade da sociedade de prover condições de trabalho aos cidadãos e, ainda, pela inutilidade total da escola para aqueles que nem mais têm relações de trabalho na sociedade.

Nisto tudo, existe, é óbvio, uma distância enorme entre o que eu pretendia fazer lá, no município, e o que encontrei. Há um descompasso. Com certeza, não dá para fazer o programado. Estou em suspenso. Não sei, no momento, como reorganizar isso. O quadro que se desenhou é muito desconcertante. É preciso reelaborar tudo. O projeto, para este município, precisa ser refeito. Como? Por onde andar?

O exemplo de uma das *memórias* observação-registro-leitura, que se constituem um dos instrumentos da metodologia da pesquisa, revela que a pesquisa e a extensão se encontraram em um projeto que, inicialmente, nem pretendia estabelecer esta relação. É uma relação que, a princípio, se estabelece no âmbito da pesquisa, do mesmo modo que se estabelece com o ensino quando a *memória*

⁽⁷⁾ SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1983.

se volta para a prática pedagógica realizada no interior da universidade, nos seus cursos de licenciatura.

Ora, estas relações estabelecidas pela pesquisa e que são oficiosas poderiam encontrar fluxos oficiais de circulação. Circulação, isto é, fazer circular Ensino-Pesquisa-Extensão; ou Extensão, Pesquisa, Ensino; ou Pesquisa, Extensão, Ensino: as possibilidades de relação são múltiplas. O que desejamos é que Ensino, Pesquisa e Extensão não permaneçam estanques, porque eles se auto-alimentam da relação que podem estabelecer entre si.

O fato de estas três funções andarem por linhas paralelas, sem ter um ponto de convergência marcado por interesses comuns, empobrece a todas as três e enfraquece o trabalho da universidade na sua região de referência.

Este desencontro faz a extensão correr o risco de tornar-se um trabalho (e um investimento) que não produz retorno nem para o município, nem para a Universidade. O ensino, distanciado dos processos de investigação científica e da problemática regional, tende a fornecer um diploma que não garante ao seu portador uma formação profissional qualificada, técnica e eticamente, para o exercício da profissão. A pesquisa em educação, por sua vez, que pode realizar análises críticas, construir conhecimentos novos, apontar encaminhamentos, se não encontrar, no âmbito da Universidade, trânsito para circular no espaço do ensino e da extensão, pode ter como destino apenas as prateleiras das bibliotecas universitárias, sem gerar qualquer mudança tanto na sociedade, na qual foi buscar os problemas para investigar, quanto na própria instituição que a produziu.

Para concluir, resgata-se a idéia inicialmente colocada neste texto, de que há vínculos possíveis entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Reafirmar que estes vínculos enriqueceriam o fazer universitário, se viabilizados e sistematizados por mecanismos e fluxos institucionais. A relação entre estas três funções não pode mais ficar ao sabor de circunstâncias fortuitas.

Abstract

The observation of pedagogic practice by the teachers of the pedagogy course made them regard the extensionist pedagogical practice as being disconnected from research and teaching. The memory of an extensionist practice reveals this context inside the university.
